

### 5.1.1 – O ensino de matemática

Entre as cartas recebidas por Gustavo Capanema, durante o período de elaboração da reforma, algumas tratavam parcial ou particularmente do ensino de matemática.

A primeira manifestação documentada acerca do ensino dessa disciplina, foi proveniente de Ubá. Em 12 de dezembro de 1938, Francisco Carneiro, enviou uma carta a Gustavo Capanema com algumas sugestões sobre o ensino secundário<sup>1</sup>. A primeira delas tratava do ensino de matemática.

Para ele, seria necessário “Modificar o methodo de ensino da Mathematica, voltando ao antigo systema de estudar separadamente a Arithmetica, a Algebra e a Geometria, guardando-se as relações de dependencia que têm uma das outras”, pois o sistema em vigor teria “contribuido para augmentar a aversão que, em geral, os moços têm por essa disciplina” (p. 1 – 2)”.

Francisco Carneiro, ao longo da carta, faz outras sugestões, porém, não convém citá-las.

Outra carta, enviada a Gustavo Capanema, foi redigida por Frederico M. Arditi. Intitulado *Memorial sobre o ensino de Matemática nos cursos secundários*<sup>2</sup>, o estudo foi enviado junto a uma “carta de apresentação”, em setembro de 1941, onde o autor expõe o conteúdo do trabalho<sup>3</sup>:

“Escola Técnica Paulista

Santo André, 3 de Setembro de 1941

Exmo. Snr.

Dr. Gustavo Capanema

DD. Ministro da Educação e Saúde

RIO DE JANEIRO

Excelência,

Desde longo tempo desejava eu tomar a liberdade de dirigir-lhe uma carta, afim de expor-lhes algumas idéias minhas acerca do ensino de Matemática nos cursos secundários.

(...)

<sup>1</sup> Arquivo Gustavo Capanema – CPDOC / FGV – G.C. 36.03.24/1 III – 1 (série g).

<sup>2</sup> Arquivo Gustavo Capanema – CPDOC / FGV – G.C. 41.09.03 I – 1 A (série g).

<sup>3</sup> Arquivo Gustavo Capanema – CPDOC / FGV – G.C. 41.09.03 I – 1 (série g).

Professor da disciplina há muitos anos, tenho notado que, a par de boa ordem e de lógica, o atual programa de Matemática oferece algumas lacunas sensíveis, que é preciso sanar. Essas lacunas são tão sutis, que só mesmo a prática do magistério é que pode mostrá-las.

As idéias expostas em meu relatório são, Excelência, o resultado de longos anos de experiência. Não tenho a menor pretensão, evidentemente, de ter produzido uma obra perfeita. O trabalho deve ser encarado como uma pequena contribuição de quem, há anos, vem se dedicando aos complexos problemas da educação secundária” (p. 1).

Na introdução do memorial, Frederico M. Arditi disserta sobre os critérios adotados para a elaboração desse trabalho, bem como as origens dos programas apresentados por ele no final do documento. Vejamos:

“Muito se tem discutido durante longos anos, até os trabalhos clássicos de Klein, sobre a metodologia do ensino da matemática. Muitos autores têm proposto diferentes métodos de ensino da disciplina, que, experimentados, provaram ser não só insuficientes como, às vezes, francamente contraproducentes.

Nessa questão, duas foram as soluções mais importantes apresentadas:

a primeira, que imperou muito tempo, até na velha legislação brasileira, que preconizava a separação nítida entre os princípios da Aritmética, Álgebra, Geometria e Trigonometria;

e outra, que tem por princípio a fusão dos quatro ramos em um só, que se denominou Matemática ou Matemáticas, denominação que muito preocupou Condorcet. Para nós, entretanto, a discussão entre “Matemática” ou “Matemáticas é pura questão de termos, não apresentando vantagens a opção por determinada forma. Poincaré mesmo, em suas obras, usou indiferentemente as duas formas, não mostrando preferência por nenhuma delas.

Modernamente, por influência talvez da obra de Klein, a segunda orientação tem-se imposto à concepção de novos métodos pedagógicos, e, de fato, a experiência tem provado que tal orientação deve ser a preferida, pois dá, aos alunos, a noção concreta dos mútuos auxílios que cada grupo fornece aos demais.

Assim é que a Álgebra sem a Aritmética seria apenas a discussão ideal de fórmulas puramente abstratas e portanto de pouca utilidade; a Geometria, sem a Álgebra, seria apenas o conjunto de proposições puras de que nada fala Euclides. Não fossem interpretações, e esse admirável instrumento de cálculo, que é a Álgebra, não passaria de matéria destinada apenas a meras discussões acadêmicas, que podem dar prazer a quem as faz, mas que se revestem de uma perfeita inutilidade para a sociedade que labuta na conquista do pão-de-cada-dia. Não se quer dizer com isto que a matemática seja acessível a todos, e sim apenas especificar que, indiretamente, todos se beneficiam com a aplicação prática de suas conquistas.

Inútil encarecer a importância da matemática. Entretanto, se atentarmos até onde se estenda ela, ficaremos de vermos quão vasto e imenso é o seu campo de aplicação, podendo mesmo concluir-se, sem perigo de exagero, que não há ciência que dela não se utilize, ao menos, quando mais não seja, para introduzir o conceito básico de dimensionalidade.

Forçoso é, portanto, reconhecer, dada a sua importância, que a sua metodologia representa, não uma discussão puramente acadêmica, mas uma realidade tangível e urgente, principalmente agora em que tanto se fala de novas

reformas a serem introduzidas no tão discutido e ainda não solucionado assunto do ensino secundário.

Professor da disciplina há longos anos, não poderíamos deixar de apresentar idéias, mesmo porque tivemos oportunidade de fazer diversas experiências, adotando algumas idéias de Klein, Bain, Inglis, Judd, Dewey, e de alguns autores mais, em magistrais artigos publicados no “Yearbook of the National Council of Teachers of Mathematics”, modificados, porém, de acordo com nossa própria concepção da matéria.

Para melhor compreensão, dividiremos o estudo entre os quatro grupos clássicos, isto é, Aritmética, Álgebra, Geometria e Trigonometria, firmando-nos no que obtivermos com a aplicação continuada de nossos processos, seja em curso ginasiais, seja nos diversos cursos da Escola Técnica Paulista, onde aplicamos integralmente nossos programas de matemática, que foram aprovados pela Superintendência do Ensino Profissional de S. Paulo. Nessas condições, este relatório não é apenas a exteriorização de maneiras teóricas de ver ou de pensar, mas sim é produto da experiência de longos anos de magistério, passados na árdua tarefa de educar o raciocínio de alunos nem sempre de boa-vontade” (fl. 1 – 2).

Antes, porém, de tratar das divisões citadas acima, Frederico M. Arditi tece comentários sobre alguns pontos dos programas de matemática de 1932.

Sobre o enciclopedismo, ele afirma que:

“Muitos professores queixam-se, e com razão, que, em qualquer série do curso ginasial, estão diante de um dilema: ou lecionam a matéria integral do programa e os alunos pouco ou nada aprendem; ou lecionam apenas uma parte, conseguindo que os alunos fixem alguns noções, deixando o restante para que os alunos estudem por conta própria, o que quer dizer que não mais se conseguirá lecionar a matéria.

Ora, se analisarmos o primeiro caso, parece-nos contraproducente o método adotado, pois o proveito prático que se tira de um excesso de matéria é nulo ou praticamente nulo, e portanto o programa peca porque não é didático; ou, no seguinte caso, o programa ainda peca, por excesso, pois uma vez que não se consegue dar toda a matéria no correr do ano letivo, é perfeitamente inútil legislar sobre impossíveis.

Em ambos os casos, como vemos, há um excesso, porque, a nosso ver, o programa de 32, incluindo a matéria da matemática elementar, considera muitos fatores, esquecendo-se do que nos parece devera ser encarado como o primeiro e mais forte obstáculo ao aproveitamento das aulas: a incapacidade de raciocínio por parte do aluno”(fl. 2 – 3).

Para ele, outra lacuna nos programas era a “liberdade na escolha da ordem dos pontos a serem dados” pelos professores. “Muito mais interessante”, afirma Frederico M. Arditi, “seria se, submetida a matéria a uma análise rigorosa, se estabelecessem os princípios gerais fundamentais em primeiro lugar, para depois se pensar em construir tódo o edifício da matemática”, entretanto,

“O que se nota é uma verdadeira confusão no que tocante aos métodos de ensino; cada professor, seguindo suas idéias particulares, ora amplia demais um

capítulo que poderia ser resumido; ora resume outro que deveria ser ampliado, dadas suas múltiplas aplicações.

Assim é, que, por exemplo, o signatário teve ocasião de verificar que muitos alunos de diversos colégios nunca tinham ouvido sequer falar em ‘função’ e alguns quintanistas não tinham a menor noção do que fosse uma equação exponencial!

(...)

Muito mais interessante seria se, em lugar de alterar-se constantemente a matéria, se estudassem as bases lógicas da distribuição dos pontos, obrigando-se os professores seguirem rigorosamente a ordem do programa, o que teria por efeito um ensino mais uniforme em todos os colégios, uma vez que se exigisse dos professores a observância dos pontos, seja na quantidade seja na ordem de lecionar” (fl. 3 – 4).

Prossegue com uma crítica nova orientação dada ao ensino de matemática, a unificação das disciplinas:

“Euclides Roxo, em seu livro ‘A matemática na educação secundária’, cita inúmeros trechos de diferentes autores, que preconizam a fusão das quatro disciplinas (Aritmética, Álgebra, Geometria e Trigonometria) em uma só. Alguns autores chegam a negar a existência da Trigonometria como ramo autônomo, concluindo que ela não passa de um simples capítulo da geometria.

Até certo ponto esses autores não deixam de ter razão, porque, realmente, Aritmética, Álgebra, Geometria e Trigonometria constituem o conjunto da ciência da medida e do cálculo. Parece-nos, todavia, exagero querer condicionar todos nossos conhecimentos matemáticos a um título único, sem ao menos subdividi-los em capítulos diferentes. Cada capítulo poderá muito bem receber um nome, e esses nomes poderão ser os tradicionalmente aceitos. Poder-se-ia discutir o assunto na matéria superior; mas aqui já nasce um outro problema que não cabe dentro dos limites deste relatório.

Pensar em fundir a matemática elementar parece-nos não só inútil, como extraordinariamente desvantajoso sob o ponto-de-vista didático. O que se pode fazer, quando muito, seria aproximar ainda mais as ciências matemáticas, afastando-se, todavia, de modo absoluto, a idéias de fusão num só corpo de doutrina, na ‘síntese-algébrico-lógica’ de Pierre Boutroux

(...)

A fusão da matemática, num único grupo de princípios, teria por efeito introduzir no estudo conceitos puramente abstratos, noções fundamentais que mais se aproxima da filosofia da matemática do que propriamente da matemática” (fl. 5 – 6).

Para Frederico M. Arditi, os programas em vigor não foram feitos “com o pensamento no aluno. Quem os fez, certamente não considerou as possibilidades do principal interessado, tendo apreciado a matéria do seu ponto-de-vista de professor, isto é, considerando tudo fácil, lógico, intuitivo (...)” (fl. 4).

Enfim, ele conclui essa parte afirmando que: “De tudo quanto foi exposto, resulta a inutilidade e a ineficácia da orientação que se quer seguir, à exemplo de países europeus” (fl. 6).

Na outra parte do trabalho, dedicada à divisão citada dos “quatro grupos clássicos, isto é, Aritmética, Álgebra, Geometria e Trigonometria”, Frederico M. Arditi critica os programas dessas disciplinas implantados pela Reforma Francisco Campos, e, a partir disso, propõe várias alterações<sup>4</sup>. Após analisar o documento, vemos que as mudanças propostas vão ao encontro dos programas anexados por ele. Desse modo, apenas apresentaremos, no final desta parte, os programas citados.

No final do estudo ele apresenta suas conclusões. Vejamos:

“São estas, Excelência, em resumo, as conclusões a que queríamos chegar, mostrando quão longe estamos ainda do regime perfeito.

A nós cabe, no entanto, aconselhar, pelo conhecimento que nos dá a prática diária da disciplina, a quem pode aceitar nossas sugestões. É por isso, Excelência, que tomamos a liberdade de redigir este pequeno relatório que, embora tenha defeitos, foi composto com a melhor boa-vontade e muita ponderação.

Em poucas linhas, pode-se resumir o que anteriormente dissemos:

- a) abandono de certas partes inúteis e mesmo contraproducentes;
- b) rigorosa distribuição lógica dos pontos;
- c) menos minúcia na matéria, que deve ser tratada de um modo sintético, embora rigorosamente científica e não apenas intuitiva e empírica;
- d) não permitir que os professores alterem a ordem dos programas, que deve ser rigorosamente obedecida;
- e) estudar a matéria, legislando apenas sobre o que é possível lecionar;
- f) considerar que a mais ou menos 100 aulas de matemática durante o ano letivo e que, portanto, não é possível haver, no conjunto, mais de 30 assuntos diferentes” (fl. 23).

A seguir, encontram-se os programas propostos por Frederico M. Arditi para os cinco anos do curso fundamental do ensino secundário:

#### Programa de Matemática

Note bem:

Em primeiro lugar dar-se-ão as aulas de Aritmética. Em seguida passar-se-á ao estudo da Álgebra. SOMENTE DEPOIS de estudadas as duas matérias, passar-se-á ao estudo da Geometria. Quando não houver tempo suficiente para o estudo das três disciplinas, estudar-se-ão de preferência as partes de Aritmética e de Álgebra, abandonando-se o programa de Geometria.

A ordem dos pontos deve ser obedecida rigorosamente.

1º Série:

Aritmética:

---

<sup>4</sup> Grande parte das críticas foi feita a partir dos “vários anos de experiência” do professor Frederico M. Arditi.

Número e numeração  
 Divisibilidade  
 Números primos  
 Mínimo múltiplo comum  
 Máximo divisor comum  
 Decomposição em fatores primos  
 Frações: ordinárias, decimais. Conversão de frações  
 Sistema métrico decimal  
 Números complexos  
 Sistema inglês de pesos e medidas  
 Quadrados e raízes quadradas  
 Gráficos. Gráficos de barras. Uso do papel milimetrado.

### Álgebra:

Cálculo algébrico:  
 Generalidades  
 Operações algébricas: adição, subtração, multiplicação.

### Geometria:

Noções gerais, puramente descritivas  
 Linhas  
 Ângulos  
 Perpendiculares e oblíquas  
 Paralelas  
 Figuras em geral  
 Círculo.

## 2º Série:

### Aritmética:

Gráficos circulares. Uso do papel milimetrado.  
 Expressões algébricas.  
 Equidiferenças, razões e proporções:  
   regra de três  
   regra conjunta  
   porcentagem  
   juros simples  
   desconto  
   câmbio  
 Divisão Proporcional:  
   médias  
   regra de sociedade  
   regra de mistura  
   regra de liga.

### Álgebra:

Cálculo algébrico: divisão algébrica.  
 Expoentes zero e negativos.  
 Decomposição em fatores primos.  
 Fatoração

Máximo Divisor Comum  
 Mínimo Múltiplo Comum  
 Frações algébricas  
 Potências e raízes.

Funções:  $y = ax$   
 $y = ax + b$   
 $y = \frac{a}{x}$

Gráfico da equação:  $e = vt$

#### Geometria:

Linhas  
 Ângulos  
 Medida dos ângulos  
 Perpendiculares e oblíquas  
 Paralelas  
 Figuras em geral; medianas e bissetrizes  
 Círculo  
 Igualdade  
 Noções de semelhança; escala.

#### 3º Série:

##### Álgebra:

Funções; gráficos das equações:

$$y = x^m$$

$$y = \frac{1}{x^m}$$

$$y = \sqrt{x}$$

Radicais  
 Expoentes fracionários  
 Equações do 1º grau a uma e duas incógnitas.  
 Equações do 1º grau e várias incógnitas.  
 Desigualdades do 1º grau.  
 Problemas do 1º grau.  
 Equação do 2º grau.  
 Equações biquadradas e irracionais.

##### Geometria:

Paralelas  
 Antiparalelas  
 Transversais  
 Divisão Harmônica  
 Lugar geométrico  
 Círculo; parte especial  
 Polígonos regulares; parte especial.  
 Semelhança. Homotetia.  
 Simetria

Linhas proporcionais e relações métricas nas figuras.

4º Série:

Álgebra:

Problemas do 2º grau; discussão.  
 Progressões aritméticas.  
 Progressões geométricas.  
 Função exponencial  
 Logaritmos dos números naturais.  
 Aplicação dos logaritmos:  
     juros compostos  
     anuidades.

Geometria:

Cálculo de 'pi'; métodos.  
 Áreas: áreas equivalentes. Comparação de áreas  
 Planos e retas no espaço. ângulos.  
 Poliedros  
 Corpos Redondos.  
 Geração e classificação de superfícies.

Trigonometria:

Introdução; métodos.  
 Noções fundamentais.  
 Variação das linhas trigonométricas.  
 Gráficos  
 Redução ao 1º quadrante.  
 Relação entre as linhas trigonométricas.  
 Cálculo trigonométrico: soma, subtração, multiplicação e divisão  
 de arcos.

5º Série:

Álgebra:

Análise combinatória  
 Probabilidades  
 Binômio de Newton  
 Cálculo Diferencial:  
     funções  
     limites  
     derivadas e diferenciais.  
 Cálculo Integral:  
     séries  
     desenvolvimento em série  
     integração  
     equações diferenciais.

Geometria:



Volumes  
 Curvas importantes:  
     elipse  
     hipérbole  
     parábola  
     seções cônicas.  
 Curvas transcendentais:  
     ciclóide  
     hipociclóide  
     hélice  
 Equações em curvas

Trigonometria:

Logaritmos das funções trigonométricas. Tábuas de logaritmos.  
 Resolução de triângulos retângulos e oblíquângulos.

Outro documento que temos conhecimento é um ofício do “Comitê do Colégio Militar” do Rio de Janeiro enviado ao Inspetor Geral do Ensino do Exército, o General Isauro Reguera, datado em 31 de março de 1942<sup>5</sup>. O documento foi assinado por Oscar de Araujo Fonseca.

Segundo ele,

“O plano de ensino que ora o Ministério de Educação cogita substituir por outro, foi executado neste Colégio durante quatro anos e ficou evidenciado que seus defeitos provinham:

- 1º) Nº excessivo de disciplinas em cada série;
- 2º) Má seriação dos programas das disciplinas, muitas vezes incompatível com o desenvolvimento intelectual dos educandos;
- 3º) Má distribuição do horário semanal das disciplinas, resultando grande diminuição no número de lições de cada um, no curso, em relação a planos anteriores executados no Colégio” (p. 1).

Em relação ao ensino de matemática, Oscar Araujo Fonseca apresenta um pequeno estudo sobre os resultados obtidos pelos alunos que seguiram a nova orientação dada ao ensino dessa disciplina:

“No início das aulas do ano letivo de 1941 o boletim deste Comando poz em destaque o fracasso da turma que concluiu o curso no ano de 1940, logrando a porcentagem de 19%, no concurso à Escola Militar, quando nos anos anteriores essa porcentagem atingira valor próximo de 50.

Salientou ser essa a primeira turma que estudava Matemática pelo plano atual sendo os professores os mesmos; o resultado era o esperado devido ao método de ensino e deficiência no número de lições.

Que a causa principal residiu no método, está comprovado pelo resultado do concurso à matrícula na Escola Militar, realizado no corrente ano, em que os candidatos do Colégio conseguiram a percentagem de cerca de 25% de

<sup>5</sup> Arquivo Gustavo Capanema – CPDOC / FGV – G.C. 41.09.03 I – 2 (série g).

aprovados, por isso que resultou do desdobramento, na 5ª série, da Matemática em suas partes componentes com um professor para cada disciplina, a partir de Julho. Com essa simples modificação, quase triplicou a porcentagem.” (p. 3)

Para ele, “modificações de minúcia na seriação dos programas” deveriam ser feitas. Dessa forma Oscar Araujo Fonseca apresenta três propostas de programas para o ensino da matemática no curso secundário. Todas alterações estão em função de um quadro que foi anexado na carta; não apresentaremos tais propostas, pois esse anexo não foi encontrado.

Em abril de 1942, o próprio Oscar de Araujo Fonseca, na solenidade de abertura do ano letivo do Colégio Militar, reafirma os resultados descritos acima:

“No ano findo, ao analisar a situação do ensino secundário, em face dos resultados obtidos pelos alunos deste Colégio no exame de admissão à Escola Militar, naquele ano, tive a oportunidade de tecer comentários sobre as deficiências e falhas do atual plano de ensino, quanto a seriação das disciplinas, ocasionando excessos de matérias em algumas séries e quanto ao ensino de matemática em conjunto em antagonismo ao método clássico e racional anteriormente existente.

Decorrido um ano, confirmou-se o meu assêrto (sic) uma vez que com a determinação do Exmo. Sr. Ministro de ser ministrado no 5ª série o ensino de Matemática e Desenho de acôrdo com os programas do concurso para a matrícula na Escola Militar, a partir do mês de Julho, em que os alunos estudaram tanto quanto possível, as disciplinas componentes da Matemática, separadamente, a porcentagem de aprovados dos mesmos no concurso de admissão à Escola Militar elevou-se a 25%, quasi o dobro do alcançado no ano anterior.

Há ainda uma circunstancia que robustece o acêrto da observação referente ao estudo da Matemática, o fato de que apenas 14 condidatos, sendo 7 deste Colégio e 7 da E.P.C. de Porto Alegre, terem ingressado diretamente na Escola Militar, isto é, sem passarem um ano em cursos de preparação onde se estudaram as disciplinas do concurso à aquela Escola separadamente.”

Esse discurso de Oscar de Araujo da Fonseca, foi publicado pelo *Jornal do Comércio*, em 7 de abril de 1942.

Durante a elaboração da grade curricular do curso ginásial, Gustavo Capanema dedicou, para o ensino da matemática, um número de horas semanais insuficiente, segundo Euclides Roxo. Dessa forma, o professor, em 19 de março de 1942, escreveu uma pequena carta ao ministro, sugerindo uma nova distribuição<sup>6</sup>. Vejamos:

“Exm. Sr. Ministro Gustavo Capanema

Peço permissão a V. Exc. para, recordando nossa conversa de ontem, insistir ainda uma vez sobre a necessidade de ser aumentado o número de séries semanais atribuido à Matemática, no curso ginásial, no esboço de horário que V. Ex. teve a gentileza de mostrar-me.

<sup>6</sup> Arquivo Gustavo Capanema – CPDOC / FGV – G.C. 36.03.24/1 XI – 13 (série g).

O melhor seria o esquema 3 – 3 – 3 – 3, ao invés de 2 – 2 – 3 – 3, retirando de uma hora de Português, que está com 5 nas duas primeiras horas. Se isso não for possível, será também aceitável o esquema 2 – 2 – 4 – 4, contanto que a Matemática tenha mais 2 (duas) horas no curso ginasial.

Queira V. Ex. sempre dispôr da obscura mas sincera colaboração de quem lhe renova seus protestos de admiração e estima”.

Como veremos, Gustavo Capanema atendeu à solicitação de Euclides Roxo.

No dia 26 de março de 1942, Arlindo Vieira enviou uma pequena carta a Gustavo Capanema, onde algumas sugestões foram feitas a cerca do ensino de matemática, mais precisamente, sobre os programas dessa disciplina<sup>7</sup>:

“Prezado amigo dr. Gustavo Capanema

Desejoso de que a reforma de ensino elaborada por V. Exc. Tenha o melhor acolhimento possível e produza os maiores frutos, peço vênica a V. Exc. para apresentar-lhe alguma sugestão no tocante aos programas.

Destes depende tudo; se forem coisa parecida com o que temos presentemente, de nada valerá o currículo criterioso”.

Para ele, “o maior perigo” estava nos programas de matemática e de ciências. Sobre os programas de matemática, ele afirma:

“Quanto ao primeiro [matemática], devo dizer a V. Exc. que exceto os que executaram esse trabalho detestável, todos os professores são unânimes em admitir que o processo atual, foi deveras desastroso. Deve, pois, se eliminado essa mistura de aritmética, álgebra, geometria e trigonometria desde o primeiro ano. No 1º e 2º ano sómente aritmética: é a base: se não for bem aprendida, nada se conseguirá” (grifo do autor).

“Para confirmar essa sugestão” ele envia, junto a carta, os programas da França, “a pátria dos grandes matemáticos”, e da Itália<sup>8</sup>. Segundo ele, tais programas, poderiam “orientar os encarregados de elaborar os nossos”. Arlindo Vieira também sugere que os programas do curso complementar deveriam passar para as escolas superiores. A outra parte da carta é dedicada aos programas de ciência.

Após esses anos de estudo e coleta de dados, Gustavo Capanema inicia a redação do decreto lei e da exposição de motivos, que seria apresentada ao Presidente da República . Os documentos do arquivo pessoal do ministro nos mostram várias versões, desses textos, feitas por ele a próprio punho<sup>9</sup>.

<sup>7</sup> Arquivo Gustavo Capanema – CPDOC / FGV – G.C. 36.03.24/1 XI – 16 (série g).

<sup>8</sup> Esses programas não estão anexados no documento.

<sup>9</sup> Arquivo Gustavo Capanema – CPDOC / FGV – G.C. 36.03.24/1 VII e VIII (série g).

Depois de elaborar a primeira versão completa da lei orgânica do ensino secundário, o ministro enviou uma cópia para várias pessoas do meio, tais como Ignácio Azevedo Amaral, Pe. Arlindo Vieira, Ernesto de Souza Campos, Nelson Romero, Raja Gabaglia, Clóvis Monteiro, Euclides Roxo e outros. Esses, por sua vez, enviaram, de acordo com as determinações verbais do ministro, um parecer sobre o decreto<sup>10</sup>.

Novas alterações foram feitas por Gustavo Capanema, a partir desses relatórios, e finalmente, em 9 de abril de 1942, a Lei Orgânica do Ensino Secundária foi promulgada<sup>11</sup>.

---

<sup>10</sup> Azevedo Amaral, em 10/03/42: Arquivo Gustavo Capanema – CPDOC / FGV – G.C. 36.03.24/1 XI - 1 (série g); Pe. Arlindo Vieira, em 10/03/42: Arquivo Gustavo Capanema – CPDOC / FGV – G.C. 36.03.24/1 XI - 2 (série g); Ernesto de Souza Campos, em 11/03/42: Arquivo Gustavo Capanema – CPDOC / FGV – G.C. 36.03.24/1 XI - 5 (série g); Nelson Romero, em 12/03/42: Arquivo Gustavo Capanema – CPDOC / FGV – G.C. 36.03.24/1 XI - 8 (série g); Euclides Roxo, em 12/03/42: Arquivo Gustavo Capanema – CPDOC / FGV – G.C. 36.03.24/1 XI - 9 (série g); Raja Gabaglia, em 13/03/42: Arquivo Gustavo Capanema – CPDOC / FGV – G.C. 36.03.24/1 XI - 10 (série g); Clóvis Monteiro, em 14/03/42: Arquivo Gustavo Capanema – CPDOC / FGV – G.C. 36.03.24/1 XI - 11 (série g). Não é de nosso interesse analisar as várias versões, da Lei Orgânica do Ensino Secundário, redigidas por Gustavo Capanema; isso seria objeto de estudo de outra pesquisa.

<sup>11</sup> Rascunho do decreto-lei: Arquivo Gustavo Capanema – CPDOC / FGV – G.C. 36.03.24/1 XI - 31 (série g).